

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**ESTUDO INTRODUTÓRIO E TRADUÇÃO DO LIVRO I DE *FIGURIS
SENTENTIARUM ET ELOCUTIONIS* DE RUTÍLIO LUPO**

ANA PAULA DE SOUSA ABECASSIS

ORIENTADOR DOUTOR WEBERSON FERNANDES GRIZOSTE
COORIENTADOR DOUTOR MARCOS MARTINHO DOS SANTOS

Parintins-AM

2022

*Exaruit foenum et flos ejus dedit,
verbum autem Domini manet in aeternum.*

Petri I 1:24

ANA PAULA DE SOUSA ABECASSIS

**ESTUDO INTRODUTÓRIO E TRADUÇÃO DO LIVRO I *DE FIGURIS
SENTENTIARUM ET ELOCUTIONIS* DE RUTÍLIO LUPO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no âmbito da disciplina de
Pesquisa e Produção Acadêmica em
Letras III como requisito do curso de
Licenciatura em Letras da Universidade
do Estado do Amazonas-UEA.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste (UEA)
(Orientador)

Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos (USP)
(Coorientador)

Prof. Dr. Franklin Roosevelt Martins de Castro (UEA)
(membro interno)

Prof. Dr. Carlos Renato Rosário de Jesus (UEA)
(membro externo)

Parintins-AM

2022

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
ABSTRACT	4
INTRODUÇÃO	5
Capítulo 1 – Os estudos acerca da retórica e figuras de linguagem na Antiguidade: A abordagem em Aristóteles e na Retórica a Herênio	8
Capítulo 2 - De Figuris Sententiarum et Elocutionis	14
2.1 Rútílio Lupo: vida e obra	14
2.2. Figuras de palavra: forma, posição e sentido.....	17
2.3 Tradução do Livro I De Figuris Sententiarum Et Elocutionis	20
Considerações	36
Referências Bibliográficas	37

À minha mãe Josiane e ao meu pai Válber,
pelo apoio e amor incondicional de sempre.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma tradução inédita do latim para o português, do Livro I *De figuris sententiarum et elocutionis* de Rútílio Lupo, um rétor latino do séc. I a.C. Para contextualizar a obra, primeiramente traremos um estudo introdutório que inicia-se com uma discussão acerca da maneira como as figuras de linguagem eram abordadas na Antiguidade, especificamente nas obras *Retórica* e *Poética* de Aristóteles do século IV a.C., e na *Retórica a Herênio* do século I. a.C. Em seguida traremos um panorama da vida e obra de Rútílio Lupo, e sobre as figuras de palavra apresentadas no Livro I do *De figuris sententiarum*, nomeadamente acerca da distinção entre figuras de palavras nas quais o que importa é o sentido, a posição na frase, e a forma. Por último, com o objetivo de proporcionar um maior conhecimento acerca da elaboração de manuais de retórica e figuras de linguagem na Antiguidade, e ampliar o acesso a essa obra, apresentaremos a tradução do Livro I *De figuris sententiarum et elocutionis*.

ABSTRACT

This work aims to present an unpublished translation from Latin to Portuguese, from the Book I *De figuris sententiarum et elocutionis* by Rutilius Lupus, a Latin rétor of 1st century BC. To contextualize the work, we will first bring an introductory study that begins with a discussion about how the figures of language were discussed in Antiquity ,specifically in Aristotle's *Rhetoric* and *Poetic* of the 4th century BC, and in the *Rhetoric to Herennium* of the 1st century BC. Next we will bring an overview of the life and work of Rutilius Lupus, and about the figures of speech presented in Book I of the *De figuris sententiarum*, particularly about the distinction between figures of speech in which what matters is meaning, position in the sentence, and form. Finally, with the aim of providing a greater knowledge about the elaboration of rhetoric manuals and figures of language in antiquity, and expanding access to this work, we will present the translation of Book I *De figuris sententiarum et elocutionis*.

INTRODUÇÃO

Na Grécia Antiga, entre os principais pilares que constituíam a sociedade estavam a Linguagem, a Política e o Direito. O *bem falar* era a base para um exercício pleno da cidadania. É por isso que o berço da retórica como metalinguagem se encontra ali, nomeadamente na Sicília, por volta de 485 a.C. (MARROU, 1973, p. 91), organizada pelos sofistas para atuar como uma técnica sistematizada para reflexão sobre a oratória.

Para Barthes (2002, pp. 5-9), a retórica reinou no Ocidente do século V a.C. ao século XIX d.C.; o teórico a divide em seis práticas simultâneas ou sucessivas, a saber: a retórica como uma arte; um ensinamento; uma ciência; uma moral; uma prática social; e uma prática lúdica. Ainda, segundo Barthes (2002, p. 9), a origem da retórica se dá em um contexto democrático, demagógico, judicial e político, no qual, por causa de uma reivindicação de propriedade se mostrava necessária a habilidade da eloquência para convencer grandes júris. A partir disso, os discursos já não eram vistos como inspiração divina ou das musas, e fundamenta-se a retórica como objeto de ensino.

Nesse contexto foi publicado o primeiro manual de retórica, por Córax e Tísias de Siracusa, que estabeleceram uma retórica sintagmática. Posteriormente, com os estudos de Górgias, se abria uma perspectiva paradigmática, através da qual se daria maior atenção à *elocutio* (BARTHES, 2002, p. 9), a qual seria a mais utilizada dentre todas as cinco partes da *technè rethorikè* para discussão em um vasto rol de manuais produzidos na latinidade tardia.

Tendo em vista a importância desses manuais para os estudos acerca da retórica, este trabalho tem como objetivo trazer uma tradução inédita ao português do tratado *De figuris sententiarum et elocutionis* de Rutílio Lupo, rétor latino do século I a.C., bem como trazer um estudo introdutório acerca desse tratado e da forma como se compunham as definições de figuras de linguagem na Antiguidade, além de ampliar o conhecimento sobre estes estudos que nortearam o percurso da metalinguagem no ocidente.

Iniciaremos com um estudo introdutório acerca da retórica e figuras de linguagem na Antiguidade, principiando pelos tratados aristotélicos que mencionam a metáfora: a *Poética* e a *Retórica*, e abordando o tratado latino mais antigo do gênero, a *Retórica a Herênio*, de autoria atribuída ora a Cornifício, ora a Cícero (BARTHES, 2002, p. 17). Assim, faremos uma comparação das diferentes maneiras como as figuras de linguagem foram abordadas em tempos diferentes nesses tratados, um deles situado no século IV a.C., e o outro no século I a.C.

O segundo capítulo do estudo introdutório é dividido em três partes. Na primeira parte traremos um panorama da vida e obra de Rutilio Lupo, e para isso nos basearemos no estudo sobre manuais de retórica e figuras de linguagem trazido por Medina López-Lucendo (2016). A autora discorre acerca de diversos tratados produzidos no período latino, entre eles o *De Figuris Sententiarum* de Áquila Romano (séc. III d.C.), considerado, ao lado de Lupo, um dos tratadistas de figuras mais importantes em língua latina, também a obra de mesmo nome de Júlio Rufiniano (séc. IV d.C.) inspirado no *De Figuris* de Áquila Romano, o *Carmen de Figuris Vel Schematibus*, entre outros tratados de retórica.

Na segunda parte faremos uma reflexão acerca das figuras apresentadas no livro I de Rutilio Lupo, especificamente dentro do grupo de figuras de palavra. Tendo em vista que há figuras de palavra nas quais o que importa é o sentido, outras nas quais importa a forma e em outras a posição na frase, discutimos sobre a distinção entre essas figuras e sobre uma divisão de categorias dentre elas.

Na terceira e última parte apresentaremos a tradução do livro I do *De figuris sententiarum et elocutionis*. Essa obra divide-se em dois livros, e tendo em vista que a natureza da disciplina e o tempo que teremos para a realização deste trabalho não permitiria a tradução da obra completa, optamos por traduzir o Livro I, escolha feita puramente pela ordem linear. Esta proposta justifica-se por auxiliar aqueles que procuram compreender os conceitos da gramática e das figuras de linguagem apresentados pelos manuais elaborados no período clássico, proporcionando maior acesso a esta obra, da qual não se tem registros conhecidos de tradução para o português até hoje.

Procuramos oferecer uma tradução aceitável ao português e que ao mesmo tempo se aproximasse o máximo possível do texto latino.

De acordo com Mounin *apud* Fernandes (2011, p. 81) é impossível traduzir do latim somente através da sua gramática, sem um estudo da cultura latina ou um conhecimento das coisas às quais o texto se refere. Por isso, este processo de tradução é acompanhado de um estudo acerca da tradição greco-latina no que diz respeito à produção de manuais de retórica.

Paul Ricoeur (2005) afirma que, no processo de tradução, o tradutor se torna o mediador, ao qual cabe a tarefa de relacionar o estrangeiro ao leitor ao qual se destina a tradução da obra. Durante a realização desta tarefa, a resistência à tradução por parte do leitor e do texto a ser traduzido acarreta inúmeras dificuldades, que só podem ser

superadas com a aceitação da diferença entre a adequação e a equivalência, pela *hospitalidade linguística*, “em que o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em sua casa, na sua própria morada de acolhimento, a palavra do estrangeiro” (RICOEUR, 2005, p. 21), nesse caso, de uma voz do passado.

Assim, recorreremos ao recurso da *imitação* citado por Friedrich Schleiermacher para suprir a necessidade de coerência no texto traduzido, visto que, segundo o autor, ao traduzir um texto para uma língua diferente da original, resta elaborar-se uma cópia, que será visivelmente diferente da original mas tão próxima quanto a diferença permita, assim, o imitador “pretende produzir no último uma impressão semelhante, como aquela recebida da obra original pelos seus contemporâneos” (SCHLEIERMACHER, 2007, p. 240).

Usamos a edição latina de Brooks do *De figuris sententiarum* para a tradução para o português por ser a edição mais recente, além de outras edições como a de David Ruhnken de 1831, e a de Jacob Fridericus de 1837, para comparação e como base para o estudo introdutório, no âmbito da transmissão da obra de Lupo.

Além dessas edições em latim, tivemos acesso, com o apoio da Professora Doutora Irene de Felice, a uma versão do *De figuris* traduzida para o italiano, de Giuseppina Barabino pela Universidade de Gênova, acompanhado de um estudo sobre a vida de Rutilio Lupo e sobre as figuras. O acesso a este trabalho nos proporcionou uma visão mais aproximada da língua portuguesa, o que contribuiu muito na realização da tradução. Utilizamos também sites especializados em tradução e dicionários.

Capítulo 1 – Os estudos acerca da retórica e figuras de linguagem na Antiguidade: A abordagem em Aristóteles e na Retórica a Herênio

Inicialmente, no âmbito mitológico, a retórica era vista pelos gregos como um dom dos deuses, criada pela deusa Peitho, aquela que era a “personificação da persuasão e da sedução” (COSTA, 2019, p. 354). Já segundo a história, a retórica se origina na Sicília, mais precisamente em Siracusa, em 485 a.C., onde com os julgamentos populares envolvendo o direito de propriedade, a arte da eloquência começou a ser ensinada por Empédocles, Córax e Tísias.

A partir daí, a retórica passa a ser objeto de estudo de diversos pensadores, como Górgias Leontino, quando abre-se o polo paradigmático – as figuras; posteriormente, por Platão, que critica a retórica de Górgias e dos sofistas em oposição à verdadeira retórica, a filosófica. No século II a. C., de acordo com Barthes (2002, p. 17) os retores afluem da Grécia para Roma, com Cícero, Quintiliano, entre outros pensadores que atribuíram à retórica cada qual as suas teorias.

Mas é com os estudos de Aristóteles, ainda no séc. V, que a retórica passa a se configurar, de fato, como ciência. À exceção de Platão, Barthes (2002, p. 14) afirma que toda retórica é aristotélica, e que todo autor que reconheça a oposição entre a *technè rethorikè* e a *technè poietikè* está arrolado a esta retórica.

Visto que, em seu início, a retórica abrangia um vasto campo já que era estudada com o objetivo de “regular todos os usos da palavra pública”, com Aristóteles já se trata de uma “disciplina domesticada, solidamente suturada à filosofia pela teoria da argumentação, da qual a retórica em seu declínio foi amputada” (RICOEUR, 2000, p. 19).

No prefácio da sua tradução da *Retórica* de Aristóteles, Manuel Alexandre Júnior (2005, p. 10) afirma que o filósofo corrige tendências sofísticas e estabelece um cânone retórico de grande proveito, e transforma-a de comunicação persuasiva em ciência hermenêutica da interpretação. Para Aristóteles, a doutrina dos sofistas era desonesta, pois a retórica ensinada por eles não se preocupava com a verdade, e porque utilizavam a argumentação mesmo que esta não estivesse baseada em fatos.

A *Retórica* de Aristóteles é dividida em três livros. De acordo com Barthes (2002, pp. 15-16) o primeiro livro é o do orador, o segundo é do receptor e do público, e o terceiro é o livro da mensagem em si. No primeiro livro, Aristóteles define o termo “retórica”, e conceitua sua estrutura, seus argumentos, tipos de discursos, os gêneros e suas ramificações; o livro II discute sobre as paixões que movem os sentimentos dos receptores

da mensagem, sobre os diferentes caracteres de diferentes ouvintes, e as diferentes formas de como um argumento é recebido; o terceiro livro fala sobre o discurso e a sua estrutura, a parte concreta da retórica. Nestes livros, de acordo com Silva (2011, p. 11), Aristóteles procura “a) problematizar o caráter do orador; b) apresentar uma análise da psicologia das paixões; c) propor uma tipologia das argumentações lógicas, estabelecendo uma relação entre lógica e dialética”.

Segundo Aristóteles, a retórica é a “capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (Arist. *R.* 1355b), e seu uso pode ocorrer ao acaso ou de modo habitual. Partindo dessa possibilidade de a retórica ser praticada inconscientemente e conscientemente, Aristóteles desenvolve o método pelo qual seria possível estudar o modo como agem aqueles que falam com o desejo de persuadir, tanto os que o fazem por hábito quanto os que o fazem espontaneamente. Ao fazer essa distinção entre os que fazem uso da retórica, tanto publicamente quanto privadamente, Aristóteles estabelece os três tipos de discursos: judiciário, deliberativo e demonstrativo.

Aristóteles é, reconhecidamente, o primeiro a conceituar as figuras de linguagem ao discutir sobre a *metaphorá* na *Poética* e na *Retórica*, sendo assim o ponto de partida para os posteriores estudos na área. De acordo com Paul Ricoeur (2000, pp. 9-10), a noção primordial de metáfora dada por Aristóteles tinha como base semântica a palavra ou o *nome*. E com a sua reflexão sendo feita em dois âmbitos diferentes, a retórica e a poética, a metáfora trabalharia em duas vias, pois na retórica, ao invés de estar ligada à noção da *mimesis*, a metáfora estaria atrelada à *persuasão* no discurso.

Ora, a metáfora tem um pé em cada domínio. Ela pode, quanto à estrutura, consistir apenas em uma única operação de transferência do sentido das palavras, mas, quanto à função, ela dá continuidade aos destinos distintos da eloquência e da tragédia; há, portanto, uma única *estrutura* da metáfora, mas duas *funções*: uma função retórica, e uma poética (RICOEUR, 2000, p. 23).

Aristóteles afirma, na *Poética*, que a metáfora se divide em quatro: a transferência da palavra de uma espécie para o gênero, do gênero para a espécie, de um gênero para outro gênero, e a metáfora por analogia (Arist. *P.* 1457b). Acerca da definição de metáfora dada por Aristóteles, Paul Ricoeur (2000, p. 30) afirma que “aplica-se a toda transposição de termos”. Nesse contexto, o termo *metáfora* carregava o significado geral de transporte, transferência ou mudança, já que transfere o significado de um nome para outro, e era usado em um sentido bem mais amplo do que o que se traz na atualidade, abrangendo exemplos de outras figuras como a metonímia e suas variedades¹ (Arist. *P.* 1457b). Ao

¹ Comentário de Valente no excerto 1457b da tradução da *Poética* de Aristóteles.

que Aristóteles chamou de metáfora de espécie para o gênero e do gênero para a espécie, hoje conhecemos como a metonímia, mostrada no exemplo “cortando com o bronze indestrutível”, classificado na Poética como um exemplo de metáfora “de uma espécie para outra”, e que hoje seria qualificado como um exemplo de metonímia que troca a matéria pela obra.

Quanto à metáfora de gênero para outro gênero, Aristóteles utiliza os exemplos “arrancando a vida com a brônzea espada” e “cortando com o bronze indestrutível”, nos quais “arrancando” quer dizer “cortando” e “cortando” quer dizer “arrancando”, e ambos significam “tirar a vida” (Arist. *P.* 1457b). Dessa forma, “cortar” e “arrancar” estariam unidas por analogia pelo ponto que ambos têm em comum, no caso o sentido que querem expressar.

Na Retórica, Aristóteles afirma que a metáfora é o que provoca o sentido apropriado de palavras que desconhecemos, e que é produzida por “talento natural e exercitação” (Arist. *R.* 1410b). Aristóteles também define a metáfora como produtora de conhecimento e ensinamento, visto que cada palavra possui o seu sentido determinado, mas as mais agradáveis são as que nos ensinam, e exemplifica isso apresentando o termo “palha” referente à “velhice”, usado por Homero na Odisseia. A qualidade de “mais agradável” seria definida pelo fato de a metáfora apresentar um conceito conhecido, mas ao mesmo tempo desconhecido.

Para o filósofo, os símiles dos poetas proporcionam conhecimento, já que “há palavras que nos são desconhecidas, embora as conheçamos no seu sentido ‘apropriado’; mas é sobretudo a metáfora que provoca tal” (Arist. *R.* 1410b), mas para o discurso de convencimento essa técnica não seria apropriada. A partir daí, Aristóteles passa a dar uma atenção maior para a metáfora por analogia, que, segundo o filósofo, é o mais reputado dos quatro tipos existentes, sendo assim o mais adequado para o uso no discurso de convencimento.

Esse tipo de metáfora é definido na Poética (Arist. *P.* 1457b) como o que ocorre “quando o segundo termo está para o primeiro como o quarto está para o terceiro”, e é exemplificado dessa forma:

o poeta usará o quarto em vez do segundo ou o segundo em vez do quarto. As vezes, acrescentam ao 2º termo que usam aquele que ele está a substituir. Dou um exemplo: a taça está para Diônios como o escudo está para Ares. Assim, dir-se-á que a taça é o escudo de Diônios e que o escudo é a taça de Ares.¹²⁸ Ou a velhice está para a vida como o entardecer para o dia. Poderá dizer-se, então, que o entardecer é a velhice do dia ou, como Empédocles, que a velhice é o entardecer da vida ou o crepúsculo da vida.

Assim, um termo de uma determinada área liga-se a outro termo de outra área, e isso ocorre com o uso de quatro termos de diferentes áreas. Na Retórica, Aristóteles cita vários exemplos desta categoria de metáfora, dentre eles, os seguintes exemplos de Péricles, Léptines e Cefisódoto:

É o caso da que Péricles formulou ao dizer que a juventude morta na guerra fora arrebatada à cidade assim como se se extraísse a “Primavera ao ano”. Acerca dos Lacedemônios, Léptines dizia que não ficaria a ver com indiferença a Grécia “a ficar zarolha”. Cefisódoto ao ver Cares apressado em apresentar as contas referentes à Guerra Olinfíaca, indignou-se declarando que este procurava com a apresentação das contas “estrangular o povo até a sufocação; e noutra ocasião, exortando os Atenenses a avançarem para a Eubeia, disse que era forçoso levar o decreto de Milcíades como “provisões da campanha” (Arist. *R.* 1410b).

Ao esclarecer sobre o uso da metáfora, Aristóteles aconselha o orador a prestar atenção na medida em que se usa essa técnica discursiva, visto que há ocasiões nas quais a metáfora é mal-empregada, por haver um afastamento muito grande entre as suas bases, por serem “burlescas” ou majestosas ou trágicas demais, o que o filósofo qualifica como “frivolidades”:

Só o termo “próprio e “apropriado” e a metáfora são valiosos no estilo da prosa. Sinal disto é que são só estes que todos utilizam. Na verdade, todos falam por meio de metáforas e de palavras no seu sentido “próprio” e “apropriado”, o que deste modo demonstra que, se se compõe corretamente, o texto resultará algo de não familiar, mas, ao mesmo tempo, será possível dissimulá-lo e resultar claro (Arist. *R.* 1410b).

Percebe-se, assim, que a discussão de Aristóteles sobre figuras a situa no campo da ornamentação do discurso e detém-se no uso de uma terminologia abrangente, o que é compreensível tendo em vista que o filósofo não centraliza a metáfora como objeto de discussão, mas discorre sobre ela por ser necessária a compreensão acerca do assunto para a elaboração correta de discursos poéticos e retóricos. Dessa forma, conclui-se que Aristóteles trata da metáfora de uma forma muito mais geral que a Retórica a Herênio, sobre a qual falaremos agora.

O autor da Retórica a Herênio nos é desconhecido, sua autoria é, comumente, atribuída a Cornifício ou a Cícero, e data do século 1 a.C. A obra tem como base os pensamentos aristotélicos, discute sobre técnicas retóricas, realiza uma latinização na nomenclatura retórica, e é conhecido por incorporar a *memoria* à construção da estrutura do discurso retórico no seu tratado.

De acordo com Barthes (2002, p. 17), a Retórica a Herênio é um *digest* da Retórica de Aristoteles, e é o tratado latino mais antigo, cuja forma foi muito copiada pelos escritores de tratados da Idade Média, por ser o manual que dá maior atenção às figuras,

suas terminologias, conceitos e exemplos. O tratado expõe uma vasta gama de figuras e fornece rápidas definições seguidas de exemplos, o que faz dessa uma exposição semelhante à que encontraremos no *De figuris sententiarum et elocutionis* de Rútílio Lupo.

O tratado é dividido em quatro livros, que discutem sobre a tarefa do orador, as partes do discurso, e os diferentes tipos de discurso, atenção à clareza, a dicção correta, recomenda que se evite aliteraões e hiatos; que se tome cuidado com o uso de discursos exageradamente rebuscados, flutuantes e áridos, ao que ele denomina respectivamente “inflados”, “frouxos” e “mirrados”; que se atente para as três características essenciais da elocução perfeita: a elegância, a composição e a dignidade; dentre outros conselhos quanto à elaboração do discurso. Nos deteremos à análise do Livro IV, no qual o autor da Retórica a Herênio discorre acerca da *dignidade*, já partindo para o uso e definições das figuras de linguagem.

A dignidade é o que torna o discurso ornado, fazendo-o distinto pela variedade. Divide-se em ornamentos de palavras e de sentenças. Ornamento de palavras é aquele que se atem ao polimento insigne da fala. Ornamento de sentenças é o que encontra dignidade não nas palavras, mas nas próprias coisas (*R. a Herênio*, 4.18).

O autor da Retórica a Herênio explica como os gregos compõem os manuais que produzem a respeito das figuras de linguagem quando, após definirem uma determinada figura ou ornamento da elocução, utilizam-se de exemplos de oradores ou poetas aprovados, renunciando a seus próprios exemplos, como forma honrar a outros escritores ao invés de a si mesmos:

Por isso, primeiramente, o pudor nos impede de agir assim, para que não pareçamos apreciar e aprovar a nós mesmos, ao mesmo tempo em que desprezamos e escarnecemos os outros. Quando podemos tomar um exemplo de Ênio ou apresentar um de Graco, parece arrogância rejeitá-los para lançar mão dos nossos (*R. a Herênio*, 4.1-2).

Embora o autor declare a sua aprovação à forma como os gregos exemplificam as figuras, não faz da mesma maneira. Além de verter ao latim a terminologia das figuras, por considerar os nomes gregos estranhos ao uso latino, o autor utiliza-se de seus próprios exemplos para demonstrar cada figura, para não correr o risco de que o que houvesse de adequado no livro fosse reputado a outro, e o que houvesse de inadequado reputado ao próprio autor.

Na Retórica a Herênio, diferentemente da Retórica de Aristóteles, já há várias divisões entre as figuras, como a distinção dos tropos entre as figuras de linguagem, mesmo que ainda sejam classificados juntos como *ornamentos*, divididas em ornamentos de sentenças e de palavras, que constituem a virtude da dignidade (LÓPEZ-LUCENDO,

2016, p. 64). A divisão do autor é esta: 1. Ornamentos de palavras, 2. Com palavras afastadas do domínio usual (tropos), 3. Ornamentos de sentenças.

Ao passar para a explanação das figuras, na Retórica a Herênio a estrutura é construída como no *De figuris sententiarum et elocutionis* de Rutílio Lupo. O autor dá o nome da figura, uma breve explanação sobre ela, e em seguida o exemplo. Com a diferença de que os exemplos dados no *De figuris* são discursos de rétores gregos traduzidos para o latim e a nomenclatura das figuras permanece no grego (mas transcritos para caracteres latinos). Na Retórica a Herênio a exemplificação é feita por textos próprios do autor, e a terminologia é traduzida para o latim:

A articulação separa com pausas cada palavra, num discurso entrecortado, deste modo: “Aterrorizaste os adversários com tua veemência, tua voz, tua fisionomia”. Ou ainda: “Submetestes os inimigos por ódio, injúria, violência e perfídia”. A força desse ornato e do anterior difere nisto: aquele surge rara e lentamente, este apresenta-se com maior frequência e rapidez. De modo que, naquele, parece que o braço se afasta e a mão se prepara para brandir a espada e desferir o golpe; neste, parece que o corpo é apunhalado com várias e rápidas investidas (*R. a Herênio*, 4.26).

Como supracitado, ao discorrer sobre os tropos, o autor da Retórica a Herênio os separa do restante por considerar que pertencem todos ao mesmo tipo, e define como ponto comum entre eles o fato de que “o discurso afasta-se do domínio usual das palavras e, com certo encanto, é levado a outro plano” (*R. a Herênio*, IV, 42). Os tropos que o autor da Retórica a Herênio identifica são dez: a nomeação, a pronominação, a transnominção, o circunlóquio, a transgressão, a superlação, a inteleccção, a abusão, a translação e a permutação.

A *transnominção* (*denominatio*) é a atualmente conhecida como *metonímia*, abarcada na Retórica de Aristóteles como parte da *metáfora*, definida na Retórica a Herênio como a que “tira de elementos próximos ou vizinhos uma expressão pela qual se pode compreender algo que não é chamado por seu próprio nome” e é dividida pelo autor anônimo entre transnominção do dono pelo instrumento, do efeito pela causa, e do conteúdo pelo continente.

López-Lucendo (2016, p. 67) ainda aponta influência helenística na Retórica a Herênio pois o autor não define claramente os conceitos de metáfora, tropo e catacrese, além de demonstrar uma influência estoica, por existir a subdivisão entre figuras de dicção e pensamento. A autora reitera que Rutílio Lupo e o autor anônimo da Retórica a Herênio tem a corrente peripatética como algo em comum, e isso transparece em semelhanças entre as suas discussões e abordagens quanto às figuras.

Capítulo 2 - De Figuris Sententiarum et Elocutionis

2.1 Rútílio Lupo: vida e obra

Públio Rútílio Lupo foi um rétor romano que viveu no período latino tardio, nomeadamente no século I a.C. De acordo com a professora Giuseppina Barabino (1967, p. 9), é a obra *Institutio Oratoria* que transmite as informações mais importantes sobre Rútílio Lupo. Quintiliano afirma que Lupo floresceu no final do império de Augusto, e é um contemporâneo de Górgias (não deve ser confundido com o Górgias Leontino), o professor do filho de Cícero em Atenas. Barabino ressalta que o próprio Rútílio confirma que a sua fonte grega é o rétor Górgias, no capítulo 12 do livro II do *De figuris*.

Segundo López-Lucendo (2016), o título completo e original do *De figuris sententiarum et elocutionis* era *Schemata Dianoeas et Lexeos ex Graecis Gorgiae Versa*, e este é o primeiro registro de um tratado, de uma série de obras comuns nos últimos séculos da latinidade, dedicado exclusivamente às figuras.

A obra *De Figuris Sententiarum et Elocutionis* é originalmente a tradução do grego para o latim de um manual, hoje perdido, produzido por Górgias, um rétor ateniense contemporâneo a Rútílio. A autora afirma que havia uma tendência, já desde a época ciceroniana, de traduzir textos do grego para o latim, como forma de auxiliar os professores de retórica do ensino superior. O tratado de Górgias era composto de quatro livros que se perderam, mas parte dos livros foi conservada na obra de Rútílio Lupo.

Maehly (1860, p. 764), que faz comentários acerca de algumas das figuras tratadas por Rútílio no *De figuris*, comenta sobre a importância deste tratado considerando tanto as discussões acerca das figuras de linguagem, quanto o resgate de fragmentos de discursos de grandes personalidades gregas que haviam sido perdidos e podem ser encontrados nesta obra.

Quintiliano ressalta que Rútílio Lupo, na sua tradução da obra de Górgias, adicionou outros títulos à lista de figuras de pensamento trazida por Cícero. Por Quintiliano sabemos que Rútílio condensou os quatro livros de Górgias em um só, mas os manuscritos que chegaram até nós trazem a obra de Rútílio com o título de *P. Rutilii Lupi schemata dianoeas et lexeos*, com dois livros e um total de 41 capítulos discutindo sobre figuras de linguagem. Não se sabe ao certo se os dois livros derivam diretamente de Rútílio ou se se trata de um excerto ou epítome (BARABINO, 1976, p. 9-10).

Brooks comenta sobre estas duas noções acerca do *De Figuris Sententiarum et Elocutionis*: alguns acreditam ser um trabalho do final do séc. II ou início do séc. III, feito por um epitomista que resumiu o tratado, e que os livros sobreviventes são meramente uma coleção de excertos do trabalho de Rutilio Lupo, e outros acreditam que o tratado sobreviveu quase intacto. Brooks adota a perspectiva de que o manual sobreviveu na forma genuína do trabalho de Rutilio.

While not disparaging these several claims and speculations, I think it wisest to acknowledge the treatise in its surviving form as the genuine work of Rutilius, and not that of an epitomist or excerptor. In preparing my text, I have accepted the authority of Quintilian and identified Rutilius as a rhetorician who in all likelihood was active in the later years of Augustus' principate and the early years of Tiberius' (BROOKS, 1970, p. 16).

De acordo com López-Lucendo (2016, p. 45), a estrutura do original *Schemata Dianoemas et Lexeos* de Rutilio é simples: após dar o nome da figura em grego, o autor dá as suas características seguidas de um exemplo retirado da literatura grega, e esta é a mesma estrutura do *De figuris sententiarum*. Rutilio Lupo inicia sem uma discussão preliminar sobre o assunto das figuras, e já traz a primeira figura: dá o seu nome em grego, parte para uma breve definição e segue com um ou dois exemplos de algum rétor ou pensador grego:

KOINOTES: Nesta há uma união das duas figuras anteriores porque todas as frases começam com uma palavra e terminam com uma mesma novamente. De Estratócles: “*Procurais* um novo método para administrar o Estado, mas encontrar um melhor que o que recebestes dos mais velhos *não podeis*. *Procurais* um modo de fazer grandes gastos sem que pagueis tributos, mas aumentar a riqueza violada que tomais do tesouro *não podeis*. *Procurais* ser misericordiosos para com os homens contaminados pelo crime, mas perdoando aos culpados, preservar o bem-estar dos inocentes *não podeis*” (minha tradução).

López-Lucendo estabelece uma distinção entre os interesses do *rétor* e do *gramático* quanto ao estudo das figuras de pensamento e dicção, afirmando que ao rétor caberia o interesse pelas duas áreas, o gramático se aprofundaria mais nas figuras de dicção, e os manuais de ensino de figuras produzidos pelos gramáticos eram como apêndices de uma gramática tradicional.

Ao discutir sobre as edições do *De figuris* de Rutilio Lupo, Brooks aponta diferenças entre os manuscritos, como a ausência da expressão *ingenio mobilem* e do termo *nomen*, mas ressalta que a presença da lacuna no início do parágrafo que trata sobre a figura *antimetábole* e de outras lacunas e corrupções em comum entre os manuscritos, é a evidência que atesta o fato de que os diferentes manuscritos sobreviventes do trabalho de Rutilio vieram de uma mesma fonte.

Welsh (2019) traz uma discussão sobre as divergências quanto à descoberta do manuscrito de Rutilio Lupo. Segundo Welsh, Ambrogio Traversari escrevera uma carta em 1421 ao seu amigo Niccolò Niccoli, e a enviara juntamente com os livros *Schemata dianoeas* de Rutilio Lupo e (de acordo com relatos da transmissão desses textos e desses autores) com o *De figuris sententiarum* de Áquila Romano, pois ambos circulavam juntos no século XV. Welsh comenta que o pensamento comum que afirma que Traversari descobriu essas obras e as pôs em circulação em 1421 é tratado como fato e como uma verdade inquestionável.

Porém, Welsh discute o fato de que na frase *Rutilium Lupum cum figuris graecis ad te mitto* encontrada na carta de Traversari, a expressão *cum figuris graeci* poderia referir-se não à presença do texto de Áquila Romano, mas sim à adição de nomes gregos das figuras no texto de Rutilio, suposição essa que seria confirmada por uma passagem na carta a qual expressa o descontentamento de Niccoli quanto ao ‘manuseio’ do grego em Quintiliano, e que corroboraria ainda o fato de que Traversari estaria apenas devolvendo um manuscrito de Rutilio ao amigo.

Brooks também discute acerca de uma fraude cometida por Karl Schöpfer, que em 1837 adicionou a uma de suas publicações um fragmento de Rutilio Lupo que supostamente havia descoberto nove anos antes declarando ser parte de um codex do século IX a.D. Essa passagem descoberta, milagrosamente preencheria uma lacuna muito famosa entre os capítulos 5 e 6 do livro I do *De figuris*. Para Brooks, o fato de Schöpfer recuperar os nomes das figuras perdidas, trazer definições que concordam perfeitamente com os exemplos, e identificar os autores inequivocamente, é no mínimo suspeito. Dez anos depois da publicação de Schöpfer, Friedrich Haase constata a fraude em seu texto *De fragmentis Rutilio Lupo a Schopfero suppositis*.

Acerca do nome do tratado e de sua composição, Brooks (1970) diz estar claro que, apesar de os manuscritos do *De figuris* conhecidos hoje apresentarem apenas figuras de dicção, em algum momento a obra compôs-se também de figuras de pensamento, pois há a comprovação dessa presença por evidências implícitas e explícitas no texto, e em passagens de outras obras, como em Quintiliano, além do fato de que os livros de *schemata dianoeas* desde o trabalho de Górgias, foram sempre compostos de figuras de pensamento e de dicção.

2.2. Figuras de palavra: forma, posição e sentido

Na *Institutio Oratoria* (IX, 1, p351), Quintiliano difere as *figuras dos tropos*, ao defini-las como um termo empregado quando damos à nossa linguagem uma conformação diferente do óbvio e do ordinário. O tropo, por outro lado, é a transferência do significado natural e principal de uma palavra para outro, visando o embelezamento do estilo, ou a transferência de uma palavra de um lugar que é estritamente seu para outro ao qual não pertence propriamente. No capítulo 2, Quintiliano afirma que as figuras de palavra estão sempre mudando de acordo com as variações de uso, e ressalta os seus diferentes caracteres exemplificando uma série de figuras e exemplos dos seus diferentes usos.

Heinrich Lausberg (2011, p. 165) define as figuras de palavra afirmando que “dizem respeito à formação linguística e consistem na transformação desta por meio de categorias” e as divide em três categorias maiores: *adiectio*, *detractio*, *transmutatio*. Para Lausberg, os tropos pertencem ao grupo de figuras de palavras, pois “surgem em virtude da categoria da *immutatio*”.

Na nossa análise, refletimos acerca de algumas das figuras de palavras apresentadas por Rútílio Lupo no Livro I do *De figuris sententiarum et elocutionis*, que distinguem seu caráter pela forma, pela posição na frase, e pelo sentido.

A primeira categoria sobre a qual discutiremos é a das figuras de palavra nas quais o que importa é a forma. No capítulo 3, Rútílio Lupo apresenta a Paronomásia, cuja definição dada pelo rétor é a de que a figura costuma ocorrer “adicionando ou removendo, ou alterando, ou alongando ou encurtando uma letra ou uma sílaba”. Lausberg posiciona essa figura na categoria *adiectio*, na subcategoria “repetição de partes de frase em igualdade abrandada”, podendo relacionar-se com o corpo de palavra e com o significado da palavra.

Assim, ao modificar a sua forma fonética modifica-se também o seu sentido, ou ao usar palavras com estruturas fonéticas parecidas, explora-se os seus significados divergentes. No primeiro exemplo a semelhança/diferença na forma fonética está entre as palavras *nobilem* e *mobilem*, *omnibus* e *hominibus*, *maxime* e *maximo*. No segundo exemplo entre as palavras *lucus* e *locus*, *honoris* e *oneris*:

Non enim decet hominem genere nobilem, (ingenio mobilem) videri. Nam cum omnibus hominibus, tum maxime maximo cuique inconstantia turpitudini est. Item: At huius sceleratissimi opera, qui fuit lucus religiosissimus, [nunc est locus desertissimus]: nimirum quoniam traditam

*sibi publicorum custodiam sacrorum non **honori** sed **oneri** esse existimavit*
(Rut. Lup. 1.3).

Ainda se tratando da forma, há também a figura Poliptoto, que Quintiliano considera ser uma variação da Paronomásia. No Poliptoto há uma alteração da forma flexiva de uma palavra, que se distingue da criação de palavras por “não provocar uma alteração do significado próprio das palavras, mas tão só uma alteração da perspectiva sintática” (LAUSBERG, 2011, p. 180). Esta figura mostra a mesma palavra flexionada de formas diferentes, como no exemplo o pronome demonstrativo *hic* em diferentes casos.

*Cleocharis: Nam vehementer admiror, Lacedaemonii, si praeter **hunc** quemquam existimatis esse, cui ob hos casus iure succensere debeatis. **Hic** enim, qui vobis exploratam spem victoriae est pollicitus. **Hunc** vos non solum in consilio dando ceteris anteposuistis, sed etiam in conficiendo negotio principem praefecistis. **Huic** omnium vestrum fortunas universi commisistis. Ab **hoc** igitur uno pristinae pollicitationis rerumque gestarum (rationem) reposcere debetis* (Rut. Lup. 1.10).

Quanto ao valor da figura na posição na frase, temos a figura Koinotes, nomeada na Retórica a Herênio e no manual de Lausberg como *complexio*, e este último a descreve como sendo do tipo / x...y // x...y /. Sabe-se que no latim clássico não há uma ordem marcada na frase, porque a posição geralmente não tem importância sintática, visto que são os casos que a determinam. Mas há ocasiões como as em que a figura Koinotes é usada, em que a posição na frase é explorada como efeito de estilo e ênfase.

Rutílio apresenta a figura Koinotes logo após a Epíbole e a Epífora. Ambas as figuras têm definições e aplicações parecidas, com a diferença no fato de que na Epíbole há diversas frases *iniciadas* com a mesma palavra, com a mesma expressão, ou com palavras com sentidos parecidos ou iguais, o que Lausberg tipifica como / x... // x... /:

*Lycurgi: Nam cum iuventus concitata temere arma caperet et quietos Thessalos manu lacessere conaretur, **ego** senatum coegi auctoritate sua comprimere adolescentium violentiam. **Ego** quaestoribus interminatus sum, ne sumptum stipendio praeberent. **Ego** armamentario patefacto restiti atque efferru arma prohibui. Itaque unius opera mea *** non concitatum bellum non necessarium scitis* (Rut. Lup. 1.7).

E na Epífora as frases são *terminadas* com a mesma palavra, ou com palavras com sentidos parecidos ou iguais, tipificada por Lausberg como / ...x // ...x /:

*Sosicratis: Non enim alius quis est, cuius opera in has difficultates incidimus, sed initio ad bellum suscipiendum nos primum impulit **Philippus**, deinde in ipso belli labore ac periculo deseruit nos **Philippus**, novissime nunc calamitati nostrae (proinde) atque culpae succensuit idem **Philippus*** (Rut. Lup. 1.8).

Por isso Rutílio considera a Koinotes uma união entre Epíbole e Epífora, pois nela as frases iniciam com a mesma palavra e terminam com a mesma expressão, como no exemplo abaixo com as expressões *quaritis* e *non potestis*:

Stratoclis: *Quaeritis novam rationem administrandae rei publicae. At reperire (ea) meliorem, quam a maioribus accepistis non potestis. Quaeritis maximis sumptibus faciendis, quo modo ne tributa conferatis. At consilii fractas aerarii opes, quae capitis, augere non potestis. Quaeritis quem ad modum scelere contaminatis hominibus parcatis. At ignoscendo nocentibus innocentium salutem custodire non potestis* (Rut. Lup, 1.9).

Acerca das figuras de palavra nas quais o valor está no sentido, Rutílio Lupo apresenta as figuras Paradiástole, Anáclase e Diáfora. Na Paradiástole, Lupo distingue duas palavras ou expressões que parecem ter sentidos iguais, as aproximando e contrapondo:

Hyperidis: *Nam cum ceterorum opinionem fallere conaris, tu tete frustraris. Non enim probas te pro astuto sapientem intelligenti, pro confidente fortem, pro inliberali diligentem rei familiaris, pro malivolo severum. Nullum est enim vitium, quo ut virtutis laude gloriari possis* (Rut. Lup. 1.4).

No exemplo, as palavras e expressões contrapostas são *astuto* e *sapientem*, *confidente* e *fortem*, *inliberali diligentem rei familiaris* e *malivolo severum*.

Na Anáclase, há uma enunciação na qual o falante almeja expressar um determinado sentido, mas ocorre a apreensão de um sentido diferente pelo ouvinte. Lupo dá o exemplo de Proculeio e seu filho:

Proculeius cum filium suum moneret et hortaretur, audacter ex bonis ipsius sumptum faceret, quas in res vellet atque opus esset, ne tum denique speraret libertatem licentiamque utendi futuram, cum pater decessisset, cui vivo patre promisse omnia licerent. Filius respondit se non esse opus saepe eadem oratione moneri, nec se **patris mortem exspectare**. Cui Proculeius pater subiecit: “Immo vero”, inquit, “velim meam mortem exspectes, nec properes moliri ut velocius moriar.” (Rut. Lup. 1.5).

No exemplo, a frase *patris mortem exspectare* dita pelo filho tem o sentido de “esperar a morte do pai”, de que ao filho agradaria a morte do pai. Mas o pai apreende a frase com o sentido de que o filho esperava que o pai morresse de morte natural.

López-Lucendo (2016, p. 267) distingue a Anáclase da Diáfora pelo fato de que na primeira não se trata de uma simples repetição de palavras, já que há a presença de dois interlocutores, um primeiro que enuncia uma palavra ou expressão com um sentido, e o segundo que recebe a palavra ou expressão em um sentido oposto ou diferente.

Por último, a Diáfora, na qual há a repetição de uma determinada palavra ou expressão e variação de seu sentido, como supracitado.

Id est huius modi: *Hunc tu frater eiusdem sanguinis particeps, in hac fortuna deserere potuisti, cuius aerumnae quemvis etiam extrarium **hominem**, modo **hominem**, commovere possent? Item: Universum **mulierem**: quid potius dicam, aut verius, quam **mulierem**?* (Rut. Lup. 1.12).

Nos exemplos dados por Rutílio, de acordo com López-Lucendo (2016, p. 266) “os substantivos *homo* e *mulier* passam de uma significação comum e geral a uma mais enfática e concreta na segunda repetição” (tradução minha).

2.3 Tradução do Livro I De Figuris Sententiarum Et Elocutionis

1. PROSAPODOSIS

Hoc schema duobus modis fieri et tractari potest. Nam sententiis duabus aut pluribus propositis sua cuique ratio vel posterius reddetur, vel statim sub unaquaque sententia subiungitur. Quibus posterius ratio subiungitur, huius modi sunt. Demosthenis: *Non enim pari ratione Philippus atque nos adversis rebus medetur: sed ille usque eo nititur quoad restituat atque exsuperet; nos contra statim vinci meditatur. Ille enim pro laude sicut pro patria proelatur; nobis autem, si nihil accidit mali, satis ac nimium boni videtur.* Cum singulis sententiis statim ratio subiungitur, hoc exemplo. Demetrii Phalerei: *Nam quod beneficium tempore et cupienti datur, gratum est; utilitas enim ac voluntas accipiendi honorem dantis facit ampliorem. At quod sero et non desideranti datur, ingratum est; amisso enim tempore utilitatis cadit accipiendi cupiditas.*

1. PROSAPÓDOSE

Esta figura pode ocorrer e ser tratada de duas maneiras, porque apresentadas duas ou mais frases será exposta uma explicação própria de cada uma, quer pouco após é dada, quer imediatamente após cada frase. [As prosapódoses,] cuja explicação é acrescentada depois ocorrem da seguinte maneira. De Demóstenes: “Certamente, não do mesmo modo que nós Filipe remedia as circunstâncias adversas, mas ele esforça-se a tal ponto até que restaure [as forças] e triunfe; nós, pelo contrário, imediatamente pensamos estar vencidos. Na verdade, ele combate em favor da glória assim como em favor da pátria. A nós, no entanto, se nada de mal acontece, então parece suficiente e demasiadamente bom.” Neste exemplo a explicação é acrescentada logo depois de cada frase. De Demétrio de Falero: “De fato, o benefício que é dado em tempo e a quem necessita é proveitoso; pois a utilidade e a vontade de receber fazem maior a honra daquele que dá. Mas o que é dado com atraso e a quem não necessita, não é proveitoso²; pois o desejo de receber termina quando o momento da necessidade é perdido.”

² *Ingratum*: de coisas que não trazem um retorno adequado. OLD.

2. SYNATHROISMOS

Hoc et singulis verbis et plurium verborum coniunctione fieri potest. Singulis verbis hoc modo. Cleocharis: *Sed cum ad supplicium sumendum se confirmaret, multa simul eum revocabant: officia, consuetudo, tempus, existimatio, periculum, religio, quae singula proprias (ei) cogitationes ad remorandum subiciebant (subuciebant).* Item Democharis: *Nam quis haec simul universa perpeti possit, timorem, morbum, senectutem, contumeliam, inopiam, vim? quarum quaevis una res per se satis est gravis ad deficiendum.* Sed in coniunctione plurium verborum huius modi est. Lycurgi: *Nemo enim nocens sine summo maerore est, iudices, sed multa simul eum perturbant: quod adest, sollicitudinis plenum, quod futurum est, formidolosum, lex paratum supplicium ostentans, vita ex vitiis coacta, occasionem arguendi maleficii captans inimicus. Quae cotidiano vehementer eius animum excruciant.*

3. PARONOMASIA

Hoc, aut addenda, aut demenda, aut mutanda, aut porrigenda, aut contrahenda littera, aut syllaba fieri

2. SINATROÍSMO

Esta [figura] pode ocorrer com palavras isoladas e com a união de muitas palavras. Com palavras isoladas da seguinte maneira. De Cleocáris: “Embora ele se decidisse a receber o castigo, muitas coisas o dissuadiam ao mesmo tempo: os deveres, os costumes, a ocasião, a opinião pública, o perigo, a religião, cada uma das quais lhe ofereciam suas próprias razões para adiar o castigo.” De Democaris: “Quem, de fato, seria capaz de suportar tudo isto ao mesmo tempo: medo, doença, velhice, afronta, miséria, violência? Uma só destas coisas, qualquer que seja, é pesada o suficiente para pecar.” Mas na união de várias palavras ocorre da seguinte maneira. De Licurgo: Certamente, ninguém é culpado sem grandíssimo sofrimento, ó juízes, mas muitas coisas o perturbam ao mesmo tempo: o presente, cheio de inquietude; o futuro, atemorizante; a lei que mostra o castigo preparado; a vida hipócrita devido a vícios; o inimigo que vive procurando a oportunidade para acusá-lo do delito. Coisas que diariamente torturam violentamente a sua alma.”

3. PARONOMÁSIA

Esta [figura] costuma ocorrer ou adicionando ou removendo, ou alterando, ou alongando ou encurtando uma letra ou

consuevit. Id est huius modi: *Non enim decet hominem genere nobilem, (ingenio mobilem) videri. Nam cum omnibus hominibus, tum maxime maximo cuique inconstantia turpitudini est. Item: At huius sceleratissimi opera, qui fuit lucus religiosissimus, [nunc est locus desertissimus]: nimirum quoniam traditam sibi publicorum custodiam sacrorum non honori sed oneri esse existimavit.*

4. PARADIASTOLE

Hoc schema duas aut plures res, quae videntur unam vim habere, disiungit et quantum distent docet, suam cuique propriam sententiam subiungendo. Hyperidis: *Nam cum ceterorum opinionem fallere conaris, tu tete frustraris. Non enim probas te pro astuto sapientem intelligenti, pro confidente fortem, pro inliberali diligentem rei familiaris, pro malivolo severum. Nullum est enim vitium, quo ut virtutis laude gloriari possis.* Hoc idem schema solet illustrius fieri, cum ratio proposito subiungitur. Id est huius modi: *Quapropter noli te saepius parcum*

uma sílaba. Isto é da seguinte forma: “De fato, não convém a um homem de origem importante (nobilem) ser conhecido por um temperamento *inconstante* (mobilem). De fato, a inconstância é para vergonha de todos (omnibus) os homens (hominibus), mas especialmente (maxime) para o mais nobre (máximo).” Similarmente: “Por obra deste grande maldito, o que já foi um bosque (lucus) sagrado veneradíssimo agora é um lugar (locus) desertíssimo: evidentemente porque a custódia da propriedade sagrada que a ele foi entregue, não foi julgada como um honorífico *cargo* (honori), mas como uma excessiva *carga* (oneri).”

4. PARADIÁSTOLE

Esta figura distingue duas ou mais coisas que parecem ter o mesmo sentido e mostra o quanto divergem adicionando o significado próprio de cada uma. De Hipérides: “De fato, enquanto tentares enganar a opinião dos outros a ti mesmo te frustrarás. Certamente não te mostras sábio ao invés de astuto a quem entende, forte ao invés de audacioso, econômico com as coisas de casa ao invés de mesquinho, severo ao invés de malévolo. De fato, não há nenhum vício do qual possas gloriar-se como sendo louvor da virtude.” Esta mesma figura costuma ocorrer mais claramente quando uma

appellare, cum sis avarus. Nam qui parcus est, utitur eo quod satis est; tu contra propter avaritiam, quo plus habes, magis eges. Ita non tam diligentiae fructus quam inopiae miseria sequitur.

5. ANACLASIS

Hoc schema fieri solet, cum id quod ab altero dictum est, non in eam mentem quae intelligitur, sed in aliam aut contrariam excipitur. Huius modi est vulgare illud Proculeianum. Proculeius cum filium suum moneret et hortaretur, audacter ex bonis ipsius sumptum faceret, quas in res vellet atque opus esset, ne tum denique speraret libertatem licentiamque utendi futuram, cum pater decessisset, cui vivo patre promissae omnia licerent. Filius respondit se non esse opus saepe eadem oratione moneri, nec se patris mortem exspectare. Cui Proculeius pater subiecit: “Immo vero”, inquit, “velim meam mortem exspectes, nec properes moliri ut velocius moriar.”

explicação é acrescentada à proposição. Isto é desta maneira: “Portanto, não queiras chamar-te econômico quando na maior parte das vezes és avarento. De fato, quem é econômico usa o tanto que é suficiente; tu, por outro lado, por causa da avareza, quanto mais tens, mais queres. Então o que segue não é tanto o fruto da economia, quanto a miséria da escassez.”

5. ANÁCLASE

Esta figura costuma ocorrer quando o que é dito por um é entendido [pelo outro] não em seu sentido, mas é recebido em outro ou oposto. Desta maneira é conhecido o famoso exemplo proculeano. Porque Proculeio advertia e exortava seu filho a gastar livremente os seus bens para o fim que quisesse e julgasse necessário. [O filho], então, não esperava a liberdade e a permissão para finalmente aproveitar o futuro quando o pai morresse, já que tudo lhe era lícito e garantido enquanto o pai estivesse vivo. O filho respondeu que não era necessário ser exortado muitas vezes pelo mesmo discurso, nem esperar a morte do pai. Ao que o pai Proculeio acrescentou: “Pelo contrário”, disse, “queira eu que esperes minha morte natural, e não te apresses em se esforçar para que eu morra mais rápido.”

6. ANTIMETABOLE

*** respondisse dicitur: Si aut qui sapiunt imperare, aut qui imperant sapere discant. Item Theophrastus dicitur dixisse: *Prudentis esse officium, amicitiam probatam appetere, non, appetitam probare.* Item Aristoteles dicitur dixisse: *Eius esse vitam beatissimam, cuius et fortunae sapientia et sapientiae fortuna suppeditet.*

7. EPIBOLE

Hoc schema dupliciter fieri consuevit, cum pluribus et diversis sententiis aut unum et idem verbum singulis praeponitur, aut varietas verborum, quae tamen eandem vim inter se habeant. Ab uno verbo saepius quae proficiscuntur sunt huius modi. Lycurgi: *Nam cum iuventus concitata temere arma caperet et quietos Thessalos manu lacessere conaretur, ego senatum coegi auctoritate sua comprimere adulescentium violentiam. Ego quaestoribus interminatus sum, ne sumptum stipendio praeberent. Ego armamentario patefacto restiti atque efferrī arma prohibui. Itaque unius*

6. ANTIMETÁBOLE

[Platão foi interrogado em que condição o Estado seria feliz]³. Diz-se que respondeu: “Se ou os que tem bom senso aprenderem a governar, ou os que governam aprenderem a ter bom senso.” Similarmente, diz-se que Teofrasto declarou: “é dever do prudente procurar amizades estimadas, e não estimar as amizades desejadas.” Da mesma maneira, diz-se que Aristóteles afirmou: “Muito feliz é a vida cuja sabedoria ajude à sorte e a sorte à sabedoria.”

7. EPÍBOLE

Esta figura costuma ocorrer de duas maneiras: quando muitas e diferentes frases isoladas são iniciadas ou pela mesma palavra ou por uma variedade de palavras que possuem, todavia, o mesmo significado. As que começam com a mesma palavra são, na maioria das vezes, desta maneira. De Licurgo: “Porque como a juventude incitada, sem razão, quisesse tomar as armas e tentasse provocar os pacíficos tessálios, *eu* compeli o senado a reprimir a violência dos jovens com sua autoridade. *Eu* ordenei aos tesoureiros [quaestor] que não oferecessem salário. *Eu* resisti à abertura do arsenal e impedi que levassem as armas. Portanto, sabeis

³ Barabino preenche a lacuna do início do capítulo 6. O nome da figura retirado de C. Halm “*Rhetores Latini minores*” e o início do parágrafo retirado de R. Stephanus “*P. Rutilii Lupi de figuris, Aquilae Romani, Iulii, Rufiniani*”.

*opera mea *** non concitatum bellum non necessarium scitis. Item Hegesiae: Miseremini mei, iudices, quem coniurata tanta vis inimicorum oppugnat. Miseremini solitudinis, cui ne in summo quidem tempore [periculi] liberos adhibere ad communem calamitatem deprecandam licitum est. Miseremini senectutis, quae me etiam ceteris malis graviter defatigat. Varietas verborum quae eandem vim habet, huius modi est. Demosthenis: Dolui, Athenienses, ubi illum clandestinum hostem impune intra murum vidi vagari: aegre tuli quod omnium vestrum facilitatem unius fallacia temptatam intellexi: commovit me, quod in accipienda iniuria plerosque laetitiam ostentantes cognovi.*

8. EPIPHORA

Inter hoc schema et superius hoc interest quod in superiore unum verbum pluribus sententiis anteponitur, in hoc autem omnium sententiarum unum atque idem (est) novissimum verbum. Sosicratis: *Non enim alius quis est, cuius opera in has difficultates inciderimus, sed initio ad bellum suscipiendum nos primum impulit Philippus deinde in ipso belli labore ac periculo deseruit nos Philippus, novissime nunc calamitati*

que só por obra minha não houve uma violenta guerra desnecessária.” Similarmente de Hegésias: *Tende piedade de mim, ó juízes, a quem com tão grande força a conspiração dos inimigos aflige. Tende piedade da solidão, porque nem nos tempos de extremo perigo se pode recorrer aos filhos para afastar o comum infortúnio. Tende piedade da velhice, que me cansa severamente agora com outros males.”* A variedade de palavras que possuem o mesmo significado ocorre desta maneira. De Demóstenes: “Lamento, atenienses, ter visto o inimigo escondido a vagar impunemente dentro do muro da cidade. Suportei penosamente porque percebi a ingenuidade de todos vós tentada pela perfídia de um só. Me comovi porque percebi que muitos, ao receber a ofensa, mostraram alegria.”

8. EPÍFORA

Entre esta figura e a anterior há diferença porque na anterior a mesma palavra é anteposta a várias frases, nesta, por outro lado, a única e a mesma palavra está no final de cada frase. De Sosícrates: “De fato, não temos passado por tais dificuldades por obra de outro cujo. No início, primeiro nos impeliu a começar a guerra *Filipe*, em seguida nos abandonou na labuta e perigos da guerra o mesmo

nostrae (proinde) atque culpa succensuit idem Philippus.

9. KOINOTES

Hoc duorum superiorum schematum coniunctionem habet, quod et ab uno verbo omnes sententiae incipiunt et in uno novissimo acquiescunt. Stratoclis: *Quaeritis novam rationem administrandae rei publicae. At reperire (ea) meliorem, quam a maioribus accepistis non potestis. Quaeritis maximis sumptibus faciendis, quo modo ne tributa conferatis. At consiliis fractas aerarii opes, quae capitis, augere non potestis. Quaeritis quem ad modum scelere contaminatis hominibus parcatis. At ignoscendo nocentibus innocentium salutem custodire non potestis.*

10. POLYPTOTON

Hoc schema solet complures sententias alio atque alio modo ut pronuntientur efferre. Cleocharis: *Nam vehementer admiror, Lacedaemonii, si praeter hunc quemquam existimatis esse, cui ob hos casus iure succensere debeat. Hic est enim, qui vobis exploratam spem victoriae est pollicitus. Hunc vos non solum in consilio dando ceteris anteposulistis, sed etiam in conficiendo*

Filipe, por último, agora irou-se por nossa culpa e calamidade o próprio Filipe.”

9. KOINOTES

Nesta há uma união das duas figuras anteriores porque todas as frases começam com uma palavra e terminam com uma mesma novamente. De Estratócles: “*Procurais um novo método para administrar o Estado, mas encontrar um melhor que o que recebestes dos mais velhos não podeis. Procurais um modo de fazer grandes gastos sem que pagueis tributos, mas aumentar a riqueza violada que tomais do tesouro não podeis. Procurais ser misericordiosos para com os homens contaminados pelo crime, mas perdoando aos culpados, preservar o bem estar dos inocentes não podeis.*”

10. POLIPTOTO

Esta figura costuma mostrar várias frases que são pronunciadas ora de um modo, ora de outro. De Cleocáris: “*De fato, me surpreendo muito, ó lacedemônios, se além deste (hunc) julgais haver alguém contra quem devais irar-se com razão por causa destes acontecimentos. Porque este (hic) é aquele que tem prometido a vós uma esperança de vitória comprovada. Vós não somente colocastes à frente a dar*

negotio principem praefecistis. Huic omnium vestrum fortunas universi commisistis. Ab hoc igitur uno pristinae pollicitationis rerumque gestarum (rationem) reposcere debetis. Item Charisii: Pater hic tuus nunc denique est, ut egestatem tuam debere alere videatur? Patrem nunc appellas, quem prius egentem auxilio tuo ut alienum deseruisti? Patri tu filius es ad potiundas opes, cuius ad senectutem violandam crudelissimus hostis fuisti? Nimirum nullo consilio filios procreamus: nam maiorem partem ex illis doloris et contumeliae capimus.

11. EPANALEPSIS

Hoc schema fieri solet, cum id quod dictum semel est, quo gravius sit, iteratur. Id interdum fit uno verbo, interdum plurium verborum coniunctione. Verbum sic iteratur. Pythaeae: *Quid contra tot res tamque evidentes dicere potes, Demosthenes? Cognitum enim est, rem publicam venalem habuisse, cognitum est.* Item Hegesiae: *Sed instigabat multitudinis animum ad bellum inferendum concitatus iracundia furor: furor, inquam, non ratio, sine qua nihil*

conselhos aos outros, mas também *o (hunc)* encarregastes como chefe a executar o trabalho. Confiastes-lhe (*huic*) o destino de todos vós, juntos. Só a *ele (hoc)*, então, deveis requerer uma declaração de antigas promessas, atitudes e fatos.” Similarmente de Carísio: “Agora, finalmente, este é teu *pai (pater)*, porque te agrada o dever de sustentar tua pobreza? Agora chamas *pai (patrem)*, a quem antes, necessitado de tua ajuda, abandonaste como a um estranho? És tu filho do [teu] *pai (patri)* para se apoderar das riquezas de cujo fostes o inimigo mais cruel ao violar a velhice? Nada estranho se aconselhamos os filhos: de fato, deles recebemos a maior parte da dor e dos insultos.”

11. EPANALEPSE

Esta figura costuma ocorrer quando o que foi dito uma vez é repetido para que se torne mais forte. Isso é feito ora com uma única palavra, ora com a união de várias palavras. [Quando] uma palavra é repetida, assim. De Pítia: “Que podes dizer contra tantos e tão evidentes fatos, Demóstenes? É, na verdade, *sabido* que foste venal para o Estado, é *sabido*. Igualmente em Hegésias: “Mas a *fúria* impelida pela ira incitava o espírito da multidão para fazer a guerra: a *fúria*, eu digo, não a razão, sem a qual o povo nunca

umquam populus ex sententia gessit. Sed plurium verborum iteratio est eiusmodi: *At ego in his aerumnis amicis sum spoliatus omnibus; (amicis, inquam, spoliatus sum omnibus), iudices; qui non quod me odissent, sed quod inimicorum factionem pertimescunt, me in malis deseruerunt.*

12. DIAPHORA

Hoc schema (est) cum verbum iteratum aliam sententiam significat ac significavit primo dictum. Id est huius modi: *Hunc tu frater eiusdem sanguinis particeps, in hac fortuna deserere potuisti, cuius aerumnae quemvis etiam extrarium hominem, modo hominem, commovere possent? Item: Universum mulierem: quid potius dicam, aut verius, quam mulierem?*

13. EPIPLOKE

In hoc ex prima sententia secunda oritur, ex secunda tertia, atque ita deinceps complures. Nam quem ad modum catena multi inter se circuli coniuncti vinciuntur, sic huius schematis utilitate complures sententiae inter se connexae continentur. Lysiae: *Constat igitur, iudices, Simonem domo sua, ab suis diis penatibus vi cum summa iniuria esse*

fez nada de propósito.” Mas a repetição de várias palavras é desta maneira: “Mas, nestas aflições, eu *sou despojado de todos os amigos; (de todos os amigos, digo, sou despojado)*, ó juízes; os quais não porque me odiassem, mas porque temem muito o conluio dos inimigos, me abandonaram em desgraça.”

12. DIÁFORA

Esta figura ocorre quando uma palavra repetida tem um significado diferente do primeiro [que foi] dito. Isto ocorre desta maneira: “Tu, irmão, companheiro de mesmo sangue, este pudeste abandonar nesta sorte, cujas aflições poderiam comover a qualquer ser *humano*, também a um estranho, contanto que [seja] *humano*?” Similarmente: “Cheguei para ver uma *mulher*: o que mais direi, ou mais verdadeiro que *mulher*?”

13. EPIPLOCHÉ

Nesta [figura], de uma frase inicial surge uma segunda, da segunda uma terceira, e assim muitas sucessivamente. Na verdade, da maneira que muitos círculos unidos entre si formam uma cadeia, assim muitas frases unidas entre si formam a utilidade desta figura. De Lísia: “Pois é sabido, ó juízes, que Simão foi tirado com grande violência de sua casa e de seus

exturbatum. Nam Chaeremenes cum hominibus armatis ad eum venit. Cum venisset, sine ulla religione domum eius expugnavit; expugnata vi domo familiam abstraxit; abstractam tormentis omnibus excruciauit; cruciatam vinxit; vinctam in publicum proiecit praedo, ne suum maleficiu[m] tacitum lateret. Sed cum praetereuntes prostratum familiam viderent, et ab his rem gestam audirent, simul et oculis et auribus scelus illius usurparent. Item Lycurgi: Haud mihi mirum videtur, quod tam excelsum boni gradum homo summi laboris escenderit. Nam cui praesto est sua voluntas, industria sit necesse est; industriam vero scientia consequitur; ex scientia copia et facultas ingenii nascitur; ex qua facultate varie et facile felicitas laudis oritur. Neque enim temere diligens studium virtutis fructus fortunae fallit.

14. POLYSYNDETON

Hoc schema efficitur, cum sententiae multorum articulorum convenienti copia continentur. Pythaeae: *Ille hunc pone constrictum trahebat, hic autem vociferabatur. Concursus vero non*

deuses penates. Porque Caeremene veio até ele com homens armados; *vindo* sem nenhum senso de respeito, destruiu a sua casa; *destruída* a casa, arrastou à força a família; *arrastada*, torturou a todos com tormentos; *torturada*, a acorrentou; *acorrentada*, o salteador a expôs em público, para que seus crimes não ficassem escondidos em silêncio. Mas para que os que passassem vissem a família prostrada, e ouvissem estas coisas acontecidas, ao mesmo tempo com os olhos e ouvidos tomassem conhecimento de seu crime.” Similarmente de Licurgo: “Certamente não me parece estranho que um homem de trabalho tão elevado tenha alcançado um alto grau de prosperidade. De fato, a quem seu desejo é maior, é necessário que seja mais diligente; da *diligência* deriva o verdadeiro conhecimento; do *conhecimento* nasce a abundância e a faculdade de talento; desta *faculdade* deriva uma felicidade variada e incontestável de glória. Certamente, não sem razão o exercício diligente da virtude engana o fruto do destino.”

14. POLISSÍNDETO

Esta figura ocorre quando as frases são ligadas por uma adequada abundância de conjunções. De Pítia: “Ele o arrastava acorrentado, por trás dele, *porém*, havia um grande clamor. *Entretanto*, não era

mediocris, cum tantum (non) omnes opitulari vellent, sed nemo auderet. Neque ibi magistratus aderat nec circumspicientes, quo potissimum confugeremus, reperiebamus, sed uno tempore nos et praesens et futurum malum perturbabat. Nam praesens tempus acerbissimum erat plenum, reliquum vero timoris. Item Dinarchi: Partim nostri silebant partim autem ingentem clamorem excitabant. At hi socii, praeclara nostra auxilia, neutrum poterant; neque enim constanti silentio neque forti clamore strenue quid agerent conabantur. Huc accedebat ignavis turbae strepitus, qui nihil eorum mentes ad virtutem erigebat.

15. DIALYSIS

Hoc schema contrarium est superiori. Nam, demptis omnibus articulis, sententiae divisae pronuntiantur. Daphnidis: *Quid autem me convenit facere, Byzantii? Subire publicae causae iudicium, magno nomini adversariorum fortiter resistere, non vereri periculum, diligenter posteritatis crescere, non minas extimescere, constanter in causa pro vobis perseverare? Omnia feci, vestrum commune commodum spectans. Tamen non desunt, qui ex tantis meis officiis aliquid velint vituperare. Item*

uma multidão pequena, ainda que tal todos queriam ajudar, *mas* ninguém ousara. O magistrado não estava presente ali, e buscando não encontramos em quem pudéssemos nos refugiar, *mas* ao mesmo tempo nos perturbava o mal presente e futuro. Certamente o presente era cheio de sofrimento, *porém* o futuro, de temores.” Igualmente em Dinarco: “Uma parte de nós silenciava, [outra] parte, *porém*, levantava um grande clamor. *Mas* estes companheiros, nossos excelentes ajudantes, nem um nem outro podiam [fazer]; *na verdade*, nem com silêncio constante nem com forte clamor os corajosos tentavam agir. A isto somava-se o barulho da multidão covarde, que nada despertava a mente deles para a virtude.”

15. DIÁLISE

Esta figura é oposta à anterior. Porque, com todas as conjunções removidas, as frases são enunciadas divididas. De Dafne: “Mas o que me convém fazer, ó Bizâncio? Suportar o julgamento de uma causa pública, resistir fortemente ao grande nome dos adversários, não temer o perigo, engrandecer-me diligentemente da posteridade, não temer as ameaças, perseverar constantemente em prol da vossa causa? Tudo fiz esperando o vosso benefício comum. Todavia, não falta quem queira criticar alguns dos meus

Lysiae: *Omnibus in rebus suam confidentiam ostentabat. Debitum petebamus? Non dissolvebat. Minabamur? Contemnebat. Lex nihil valebat; magistratus neglebat. Venit hoc tamen nobis novissime tempus ulciscendi.*

16. METANOIA

Hoc schema fieri solet, cum ipse se, qui loquitur, reprehendit, et id quod prius dixit, posteriori sententia commutat, ita uti facit Demosthenes: *Nunc quoniam de me, ut volui, cognostis, iudicium per ipsius vitam constituam. Nam dum opus est parentes appellat, quos scitis non ignotos fuisse, sed huius modi, ut omnes eos execrarentur. Sed hic bonus vir grandis natu atque sero, sero loquor? Immo vero nuper atque his paucis diebus simul et Atheniensis et eloquens est factus. Item: At hic omnium sceleratissimus, novo more atque exemplo alieni facinoris vindex, ipse confidentissime non criminibus, sed armis reum lacescere conatus, conatus? Nimum remisse loquor. Nam qui tantam caedem perfecit, huius inceptum dumtaxat arguere, paene maleficii largitionem est facere.*

muitos serviços.” Similarmente de Lísia: “Em todas as coisas mostrava sua insolência. Cobrávamos a dívida? Não pagava. Ameaçávamos? Desdenhava. A lei nada valia. Desprezava os magistrados. Todavia, finalmente chegou a nós esta oportunidade de vingança.”

16. METANOIA

Esta figura costuma ocorrer quando o próprio que fala se contradiz e, com a frase seguinte, muda aquilo que disse antes, assim como faz Demóstenes: “Agora, porque, como eu queria, me conhecestes, [que eu] determine o julgamento pela vida dele mesmo. Porque ainda é necessário que chame os pais, os quais sabeis não terem sido ignorantes, mas deste modo, para que todos os amaldiçoem. Mas este bom homem, velho e avançado em idade, velho eu digo? Pelo contrário, recentemente e nestes últimos dias tornou-se ao mesmo tempo ateniense e eloquente.” Também: “Mas ele mesmo, o mais criminoso de todos, vingador do crime hostil, com grande audácia e como exemplo da nova lei, não com acusações, mas com armas, tentou provocar o réu. Tentou? Falo muito brandamente. Porque acusar apenas deste feito aquele que executou tão grande matança é quase cometer uma liberalidade de crimes.”

17. PARENTHESIS

Cum in continenti sententia aliquid interponitur, quod neque eius sit sententiae neque omnino alienum ab ea sententia, tum denique hoc schema efficitur, sed periculose ponitur; nam aut mire ineptum aut vehementer iucundum auribus accidere consuevit. Demosthenis: *Nos scilicet omnes, ut fit fere, repentino nuntio perturbati obstupuimus. Adimantus autem solus - nam est homo multum vehemens in re publica, tum oris satis liberi - magno clamore efflagitabat, ut senatus haberetur et, prout tempus postulabat, celeriter quod opus esset constitueretur.* Eiusdem: *(Vix hostem) audieram appropinquare cum statim magistratum certiosem feci - Vos, dii immortales, quorum in templo gestum, testificor - illi neglexerunt et rem tantam differre maluerunt, cum interea subito portas hostis obsedit.*

18. MERISMOS

Hoc schema singulas res separatim disponendo et suum cuique proprium tribuendo magnam efficere utilitatem et illustrem consuevit. Lycurgi: *Cuius omnes corporis partes ad nequitiam sunt*

17. PARÊNTESES

Quando em uma frase essencial é interposto algo que não seja parte desta frase e nem inteiramente estranho a esta, assim esta figura é construída, mas aplicada com cautela. Na verdade, costuma chegar espantosamente sem sentido ou muito agradável aos ouvidos. De Demóstenes: “Naturalmente todos nós, como ocorre quase sempre, ficamos estupefatos e perturbados com as notícias repentinas. Adimanto, porém, sozinho – de fato é um homem muito poderoso no estado, logo suficientemente de boca livre – rogava com grande clamor que o senado se reunisse e, conforme a circunstância requeria, prontamente fosse decidido o necessário.” Do mesmo: “Apenas ouvira o inimigo aproximar-se quando imediatamente informei ao magistrado – Vós, deuses imortais, no templo dos quais testifico o feito - eles negligenciaram e preferiram adiar um assunto tão importante, posto que durante este tempo repentinamente o inimigo sitiou as portas.”

18. MERISMOS

Esta figura [ocorre] separando individualmente as coisas uma a uma, e atribuindo a cada uma a sua própria; costuma produzir uma grande e evidente utilidade. De Licurgo: “Todas as partes do

appositissimae: oculi ad petulantem lasciviam, manus ad rapinam, venter ad aviditatem, [virilis naturae] membra, quae non possumus honeste appellare, ad omne genus corruptelae, pes ad fugam, prorsus ut aut ex hoc vitia aut ipse ex vitiis ortus videatur. Item Aristotelis: Alexandro enim Macedoni neque in deliberando consilium neque in proeliando virtus neque in beneficio benignitas deerat, sed dumtaxat in supplicio crudelitas. Nam cum aliqua res dubia accidisset, apparebat sapientissimus; cum autem confligendum esset cum hostibus, fortissimus; cum vero praemium dignis tribuendum, liberalissimus; at cum animadvertendum, clementissimus.

19. PAROMOLOGIA

Hoc fit, cum aliquot res adversario concedimus, deinde aliquid inferimus, quod aut maius sit quam superiora, aut etiam omnia quae posuimus infirmet. Hyperidis: *Sume hoc a iudicibus nostra voluntate: neminem illi propriorem cognatum quam te fuisse: concedimus officia tua in illum nonnulla exstitisse; stipendia vos una fecisse aliquamdiu, nemo negat. Sed quid contra testamentum dicis, in quo scriptus hic*

corpo dele são apropriadas para a maldade: os olhos para a lascívia insolente; as mãos para o roubo; o ventre para a voracidade; os membros da natureza viril, os quais decentemente não podemos nomear, para todo gênero de devassidão; o pé para a fuga. Como se deste [corpo] fosse originado os delitos, ou dos delitos originado o mesmo [corpo].” Igualmente de Aristóteles: Certamente para Alexandre, o Macedônico, não faltou prudência em decidir, nem força em combater, nem bondade em ajudar, mas somente crueldade nos castigos. De fato, quando alguma coisa incerta acontecia, mostrava-se muito sábio; ora quando ia lutar contra os inimigos, fortíssimo; até ao atribuir um prêmio digno, generosíssimo; ao repreender, clementíssimo.”

19. PAROMOLOGIA

Esta [figura] ocorre quando cedemos alguma vantagem ao adversário e depois apresentamos algo que seja maior ou até expomos algo que anula todos os [argumentos] anteriores. De Hipérides: “Aceite isto dos juízes, [conforme] a nossa vontade: ninguém tem sido parente mais próximo dele do que tu; reconhecemos que para ele os teus serviços provaram não serem poucos; vós praticastes juntos o serviço militar por um

est? Item eiusdem: Quid a me saepius his verbis de meo officio requiris? Scripsisti, ut servis libertas detur? Scripsi, ne liberi servitutem experirentur. Scripsisti, ut exules restituerentur? Scripsi, ut ne quis exilio afficeretur. Leges igitur, quae prohibebant haec, non legebas? Non poteram, propterea quod litteris earum arma Macedonum opposita officiebant.

20. ANANKAEON

Hoc schema tunc prodest atque omnis eius utilitas in eo est, cum volumus ostendere necessitudinem aut naturae, aut temporis, aut alicuius personae, quem ad modum fecit Myron: *Amicus meus fuit Chremonides et opinione omnium magis familiaris, et pro salute eius quaecumque potui feci. Sed posteaquam maior vis legis nostrum auxilium ab illius periculo removit, calamitatis ac luctus eius particeps eram. Nam opitulandi facultas omnis erepta iam fuerat.* Item Democharis: *Nihil enim valebat assidua pro fratre, ac misericors deprecatio, cum iudicaret*

tempo, ninguém nega. Mas o que dizes contra o testamento no qual este está escrito?”. Igualmente do mesmo: “Porque reclamas de mim muitas vezes com estas palavras a respeito do meu serviço? Tu escreveste para que seja dada a liberdade aos escravos? Eu escrevi para que os livres nem experimentassem a escravidão. Tu escreveste para que os exilados retornassem? Eu escrevi para que ninguém fosse afetado pelo exílio. Não lias, pois, as leis que proibiam isto? Eu não podia, porque as armas dos macedônios punham-se contra as suas letras.”

20. ANANKAEON

Esta figura serve em toda sua utilidade quando queremos mostrar relações ou de natureza, ou do tempo, ou de alguma pessoa, conforme o modo como fez Míron: “Cremonides foi meu amigo e, na opinião de todos, o mais íntimo, e em favor de sua saúde fiz tudo aquilo que pude. Mas depois que nossa maior ajuda se afastou dele em perigo por força da lei, eu fui partícipe de sua calamidade e seu luto. De fato, todas as oportunidades de ajudar já haviam sido perdidas.” Igualmente de Demócares: “De fato, a súplica condoída e contínua em favor do irmão nada valia, visto que o julgaria um

tyrannus, cuius crudelitas omnem naturae necessitudinem extinguibat.

21. ETHOPOIIA

Lysiae: Rure rediens, iudices, homo maior natu, magno calore, vix sufferens viae molestiam, tamen his verbis egomet me consolor: Fer fortiter demum laborem; iam brevi domum veniens exspectatus; excipiet te defatigatum diligens atque amans uxor; ea sedulo ac blande praeministrando detrahet languorem, et simul seniles nutriendo recuperabit vires. Haec me in itinere recogitatio prope confectum confirmabat. Postea vero, cum domum veni, nihil earum rerum inveni, sed potius bellum intestinum ab uxore contra me comparatum. Item Demosthenis: At, medius fidius, iudices, ego sic arbitrabar: filium ad parentem dissoluto vultu venturum, lacrimis patrium sinum oppleturum, supplicem precario obsecraturum, blanditia sua quod petisset a patris mollitie impetraturum. Sed hic longe aliter, atque hic incredibili confidentia armatus ad patrem adnotavit sicut hostis, atque initium sermonis cum iurgio sumpsit.

tirano, cuja crueldade extinguiu toda relação natural.”

21. ETOPEIA

De Lísia: “Voltando do campo, ó juízes, um homem velho, em forte calor, a suportar com custo a aflição da estrada, não obstante eu mesmo me consolo com estas palavras: enfim, suporta com ardor o cansaço; esperado logo em casa, chegando, a esposa amorosa e cuidadosa te receberá cansado; sendo cuidado por ela, com zelo e com carinho, tirará a fraqueza, e ao mesmo tempo, nutriendo recuperará as forças senis. Tal pensamento me encorajava na viagem quase concluída. Depois, na verdade, quando cheguei em casa, nada destas coisas encontrei, mas antes uma guerra civil preparada por [minha] esposa contra mim”. Igualmente de Demóstenes: “Mas, o divino Fídio, ó juízes, eu assim pensava comigo: o filho há de vir ao pai com o rosto humilhado, encherá de lágrimas o abraço do pai; suplicante há de implorar com instância, e com suas palavras ternas há de obter, da brandura do pai, aquilo que há de pedir. Mas ele, pelo contrário, armado de uma inacreditável audácia voou contra o pai tal como um inimigo, e com altercação assumiu o início do discurso”.

Considerações Finais

A origem da retórica e a sua fundamentação como objeto de ensino se dá em um contexto judicial, quando pela primeira vez mostrou-se necessário que essa arte fosse propagada para um bom exercício da cidadania. Nesse contexto foi publicado o primeiro manual de retórica, uma retórica primeiramente sintagmática, à qual posteriormente se adicionou um a perspectiva paradigmática, a chamada *elocutio*. A partir daí, iniciaram-se os estudos acerca das figuras de linguagem, e a *elocutio* qual seria a mais utilizada dentre todas as cinco partes da *technè rethorikè* para discussão em um vasto rol de manuais produzidos na latimidade tardia, dos quais faz parte a obra *De figuris sententiarum et elocutionis* do rétor latino Rútílio Lupo.

Assim, este trabalho teve como objetivo apresentar uma tradução inédita ao português do Livro I da obra *De figuris* de Rútílio Lupo. Para contextualizar a tradução, trouxemos como estudo introdutório uma análise acerca do tratado com base em estudiosos de retórica, gramáticos latinos e das figuras de linguagem.

Discutimos acerca da forma como eram compostos os tratados sobre retórica e as figuras de linguagem na Antiguidade, nomeadamente no período clássico com Aristóteles e a sua *Poética* e *Retórica* (século IV a.C.), e no período tardio com a *Retórica* de Herênio (século I a.C), comparando a forma como os estudos acerca de figuras de linguagem eram realizados nestas obras.

Em seguida falamos sobre a vida e obra de Rútílio Lupo, e acerca de algumas das figuras de palavra tratadas por Lupo no *De figuris*, tendo em vista que há uma distinção entre essas figuras, já que em algumas o valor está no sentido, em outras na posição e em outras na forma. Procuramos exemplificar e discutir acerca dessa divisão de categorias entre essas figuras. Por último, apresentamos a tradução dos 21 capítulos do Livro I do *De figuris sententiarum et elocutionis*.

O intuito deste trabalho foi contribuir com a área dos estudos clássicos e auxiliar aos que buscam maior compreensão acerca dos estudos de retórica e figuras de linguagem na Antiguidade, trazendo um panorama acerca dos estudos de retórica, da vida do rétor Rútílio Lupo, do qual pouco se tem informações em textos de língua portuguesa, e proporcionando um acesso mais fácil à sua obra.

Referências Bibliográficas

APOIOS TEÓRICOS

- BARABINO, Giuseppina. **P. Rutilii Lupi Schemata Dianoeas et Lexeos**. Génova, 1967.
- BARTHES, Roland. “A antiga retórica”. In: BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp. 3-100.
- BECCARI, Alessandro Jocelito; BINATO, Cláudia Valéria Penavel; FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro (orgs.). **Retórica: perspectiva histórica e atualidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.
- BROOKS, E. **P. Rutilii Lupi De figuris sententiarum et elocutionis**, Leiden: E.J. Brill, 1970.
- FERNANDES, Thaís. “Alguns problemas teóricos da tradução de línguas antigas: reflexões acerca das dificuldades do tradutor do latim”. **Scientia Traditionis**, 10, (2011) pp. 80-89.
- JACOB, Fridericus. **P. Rutilii Lupi De figuris sententiarum et elocutionis Libri duo**. Lübeck: Apud Bibliopolam de Rohden, 1837.
- SILVA, Markus Figueira da. Apresentação. In: LIMA, Marcos Aurélio de. **A retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia**. Natal: IFRN Editora, 2011.
- LAUSBERG, H. **Elementos de Retórica Literária**. Trad. R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2011.
- LÓPEZ-LUCENDO, Cecilia Medina. **Aproximación a la doctrina y la terminología retórica de las figuras de dicción en la tratadística latina tardía**. Madrid, 2016.
- MAEHLY, J. Zu Rutilius Lupus. In: **Philologus**. Berlin, 1860.
- MARROU, H.-I. **História da educação na Antiguidade**. Trad. M. L. Casa Nova. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Cotovia, 2005.
- _____. **A metáfora viva**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- RUHNKEN, David. **De figuris sententiarum et elocutionis Libri duo. Item Aquilae Romani et Julii Rufiniani de eodem argumento libri**. Lípsia, 1831.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. “Sobre os diferentes métodos de traduzir”. Trad. Celso Braida. **Princípios**, v. 14, n. 21 (2007), 233-265.

WELSH, Jarret. **Traversari and the Rediscovery of Rutilius Lupus and Aquila Romanus**. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2019.

AUTORES CLÁSSICOS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trads. Manuel Alexandre Júnior; Paulo Farmhouse Alberto; Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

_____. **Poética**. Trad. Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

[CÍCERO]. **Retórica a Herênio**. Trad. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.b

QUINTILIANO M. Fabius. **Institutio Oratoria**. Disponível em: penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Quintilian/Institutio_Oratoria.

RUTÍLIO LUPO. Ex P. Rutilii Lupi De figuris sententiarum et elocutionis Liber I^o. In: **Antiqui rhetores latini**. Ex Bibliotheca Francisci Pithoei. Parisiis. Hadrianvm Perier, 1599, pp. 1-12.

DICIONÁRIOS

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 2^a ed., Belo Horizonte: Garnier, 2021.

OXFORD Latin Dictionary. Oxford: Oxford University Press, 1968.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário latino-português**. 2^a ed. Porto: 1942.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-português**. 12^a ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.